

Memórias póstumas de um agonizante filho de porteiro¹

Eliecim Fidelis²

Desde a hora que cheguei ali, minha cabeça não largava aquela cara desbotada e aquelas malfazejas frases. Mais vivas do que eu próprio, elas rodopiavam por dentro e me levavam a vê-lo pronunciá-las com olhos esbugalhados e testa franzida. Era um primeiro de maio. Soube disso um pouco antes por ter ouvido comentários de que meu pai havia sido convocado para trabalhar no dia do trabalho.

Homens e mulheres de branco, levando bandejas surradas, passavam apressados. Daqui a pouco estavam de novo perto de mim. Ora pareciam criaturas estranhas, ora conhecidas. Outros rumores ainda davam para ouvir: sussurros, corre-corre, pega ali, traz de cá; mas aquela figura e aquelas frases não me largavam.

O corpo ia esmorecendo aos poucos, mas a cabeça não parava. Lembrei da tradição cristã anunciada em Gênesis 1.26. Ali o homem é apresentado como um ser criado à semelhança de Deus. Abençoado e predestinado a dominar os animais do Éden e as riquezas da terra. Essa prerrogativa da descendência divina trouxe para o homem um status privilegiado de destaque.

Depois, o geocentrismo da Idade Média levou-o a encontrar na ciência a testemunha de que, além de ser uma criatura divina, a terra que Deus lhe deu também era o mais importante planeta em relação aos demais astros. Esse fato e outras conquistas da ciência vieram reforçar ainda mais a posição de autoestima do homem, aumentando seu orgulho, vaidade e sede de prestígio. E, com o tempo, o homem passou a sentir-se todo poderoso, e passou a disputar poder entre os semelhantes, e deles servir-se para explorar sexual e economicamente.

Por ter sido simpático à Igreja Católica, o modelo ptolomaico fez com que a crença na centralidade da terra perdurasse por muitos séculos.

Mas, ali onde eu estava, esse poder humano tão badalado e perseguido por muitos não parecia estar presente. O que eu ainda podia ouvir e pressentir eram apenas os restos de vida e de morte que ficavam namorando entre as macas e os aparelhos gelados. Pelos cobogós, em frente, dava para ver pessoas reclamando, discutindo e xingando. Pela lateralidade dos sentidos dava para captar sussurros, gemidos, choros e lamúrias. E eu continuava ali estendido esperando minha vez e martelando aquelas frases e pensamentos.

Lembrei que os questionamentos trazidos por Galileu no século XVII abriram as portas para a chegada de Nicolau Copérnico no século seguinte. E este procedeu um giro de cento e oitenta graus e comprovou o heliocentrismo, ou seja: que a terra não é o centro do universo, mas

¹ Trabalho apresentado na Jornadinha do Espaço Moebius realizada em 12 de junho de 2021, Salvador-BA.

² Psicanalista e escritor, membro do Espaço Moebius Psicanálise.

apenas um dos pequenos astros que giram ao redor do sol. Temos aí o **primeiro grande abalo no narcisismo da humanidade**, como disse Freud.

E meus pensamentos não paravam, mesmo a cada vez mais opacos. Lembrei-me de que a ciência continuou avançando, ora a favor do homem, ora lhe dando rasteiras. Então chegou Darwin com *A origem das espécies*. Sua explicação sobre a origem do ser humano aponta apenas como o elo de uma cadeia da natureza. Comprovando cientificamente, Darwin apresenta argumentos que vão de encontro à descendência divina estabelecida até então. Essa é outra lição que assustou e ainda assusta a vaidade humana, considerada o **segundo abalo narcísico**.

O grande susto trazido por Darwin levou o homem a contestar, estrebuchar-se, espernear e clamar ao Senhor, mas ainda lhe restava o consolo do racionalismo cartesiano. “Cogito, ergo sum”. Penso, logo existo tornou-se a máxima que acompanhou o homem e a ciência moderna.

Mas chegou Freud e proclamou o inconsciente: um lugar, diz a psicanálise, onde o homem existe justamente onde não pensa – eis a **terceira ferida narcísica da humanidade**: o homem não é senhor nem sequer de seu próprio pensamento. Mas eu continuava pensando, embora um pensamento a cada momento mais gaguejante.

Pois bem, chega agora esse vírus e nos confronta e confronta a ciência e perturba a paz da humanidade. Quão pequeninos nos sentimos! Sentimo-nos nada, migalha de gente, incapaz, impotente, garrancho seco. Como disse Raul: com a boca escancarada, esperando a morte chegar.

Podemos falar em outra ferida narcísica ou apenas uma variante das anteriores?

Mas quem disse que ele, o autor daquelas frases, sente-se abalado com isso? Ele não para de inventar frases retóricas; e não para de espalhar desassossego.

É para o leito 15, disse a moça. O meu era o 13, então o 15 devia ser o do homem gordo que acabava de chegar da ala de emergência e ia ocupar a vaga do outro que acabava de sair. Não sei se este saiu para casa ou veio direto para cá; mas não o vejo por aqui, e neste cemitério não há distanciamento entre os colegas.

É para o 13. Agora sim. Nem doeu nem me incomodou o tubo comprido que me engavetava e se projetava além de mim. Uma tela acesa na máquina mostrava imagens, mas não dava mais para distingui-las; apenas escutava longínquos ruídos, enquanto ainda escutava. Em outros rostos de muitas faces, às vezes confundia de quem era, e em todos eles eu via o semblante de meu pai, seu jeito de ficar sentado à portaria, com o mesmo uniforme, os mesmos gestos reverenciando a chegada do patrão.

A intensidade das imagens ora acelerava, subia, subia; ora ia descendo e sumindo. Eu achava que era um sonho, mas quando acordava não me sentia acordado.

Havia muita coisa para dizer, mas agora só quero falar daquelas frases, antes que duas coisas aconteçam: que o primeiro verme venha roer as carnes frias do meu cadáver; ou que as

palavras do que quero dizer arranquem a tampa deste caixão e saiam voando pelos planaltos brasílicos.

É mentira que essa doença é apenas uma gripezinha. Da minha rua já se foram 113, do meu bairro 934, do município, milhares, e o país já chega a meio milhão. Nesse número, é a primeira vez que estou sendo contado nas estatísticas midiáticas.

É mentira que são maricas os que temem esse vírus. Há entre os acometidos bravos soldados, atletas, médicos, artistas, professores e cientistas.

É mentira que funcionário público é parasita. Meu pai é servidor público há quinze anos, e nunca faltou um dia ao trabalho. Claro que o senhor não o conhece, mas era lotado na portaria do mesmo edifício onde o senhor, óculos escuros e testa franzida, como um poste pegava o elevador privativo sem ao menos olhar na cara de quem lhe abria a porta. Dele muito me orgulha a fibra do sertanejo forte, e agradeço o esforço e incentivo por querer me transmitir os estudos que nunca pôde ter; e se ainda estou devendo um saldo do FIES é porque fiquei desempregado e a Caixa ainda está apurando o extravio do meu auxílio emergencial.

É mentira que as pessoas destroem o meio ambiente para comer. Se isso acontece, o senhor deve saber o endereço dos olhos grandes que só veem o lucro. Lá em casa, ninguém possui terra para cultivar, apenas plantam no quintal os temperos e verduras que comem e dividem com os vizinhos.

É mentira que as pessoas querem viver cem anos. Isso é pensamento de quem pode bancar checkups rotineiros e comprar medicamentos importados que prometem juventude eterna. Aqueles de minha vizinhança não sabem fazer essa conta, e os remédios que tomam são as mezinhas que a avó ensinou, ou os da doença crônica que adquirem na farmácia popular.

Eles querem sim ter uma velhice digna, mas para isso o senhor nada está fa...zen... Des...cul...pe, mas... a...gora...estou indo... Nem vou chegar aos...trinta e um... Mas vou esperar o senhor chegar a...qui... pra lhe pa...gar o resto que devo do... FI...ES.